

LETRAMENTO E AUTORIA - UMA PROPOSTA PARA CONTORNAR A QUESTÃO DA DICOTOMIA ORAL/ESCRITO

Leda Verdiani Tfouni *

“Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma”. (Manoel de Barros, “Escova”, In Memórias Inventadas)

RESUMO: *Apesar de ser ainda realidade distante do contexto de ensino/aprendizagem da maioria da população brasileira, este trabalho traz uma discussão sobre a noção de letramento comentando alguns recursos da tecnologia de informação aplicada à escrita, leitura e comunicação. Começo fazendo um sobrevôo sobre o conceito de letramento para, em seguida, discutir como o computador e a internet vieram não apenas modificar as condições de criação de texto escrito, mas também apresentar práticas de letramento que vão além de escrever e ler para incluir comunicação e reflexão crítica. Estarei aqui considerando, com visão uma tanto quanto positiva que, num futuro não muito distante, essa situação passe de puramente ficcional para real, no contexto de ensino e aprendizagem no Brasil.*

PALAVRAS-CHAVE: *letramento; práticas; internet; comunicação; reflexão crítica.*

* Universidade de São Paulo – USP-Ribeirão Preto/CNPq.

Introdução

Retomo aqui Tfouni (2001), onde esta autora apresenta uma proposta segundo a qual a autoria de um texto se instaura quando o sujeito do discurso ocupa uma posição que lhe permite lidar com a dispersão e aceitar a deriva que sempre se instala. Vou tentar aprofundar esta reflexão, fazendo, para tanto, um esforço no sentido de estabelecer um diálogo entre a Análise de Discurso de filiação francesa e a Psicanálise lacaniana.

Para Guimarães, o sujeito, quando na posição de autor, “... assume como suas as palavras que de direito são do interdiscurso”. Deste modo, segundo ele, o autor produz a “...ilusão de um presente sem memória”. (1999:3). Este autor encaminha a discussão, na seqüência, para o trabalho da interpretação, mais propriamente a interpretação do analista, a qual ele coloca como algo que se dará em um momento posterior ao da produção do texto. Afirma ele: “... é de uma posição de sujeito no interdiscurso que se faz a interpretação anafórica que, ao se fazer, produz historicamente sentidos”. (op. cit., p.10)

Contrariamente ao que propõe Guimarães, pretendo aqui apresentar o trabalho de autoria como sendo da ordem de uma interpretação dêitica (e não anafórica, como afirma Guimarães), a qual, do meu ponto de vista, se dá no próprio processo de enunciação. Retomo, nesse sentido, trabalhos anteriores de Tfouni (1997, 2001, 2003), onde é apresentada uma proposta de que o autor realiza uma função específica de posição-sujeito. Afirma-se, nesses trabalhos, que o que serve para dar as coordenadas da autoria em relação ao sujeito-enunciador da atividade languageira é que o autor trabalha na região do intradiscurso, enquanto que o enunciador está na dimensão do interdiscurso.

Essa dupla visada vem constituir o trabalho da autoria de acordo com o seguinte processo: Enquanto o autor tece o fio do discurso, procurando construir para o leitor/ouvinte a ilusão de um

produto linear, coerente e coeso, onde não existiria a dispersão, o sujeito linguageiro está preso à dupla ilusão: imaginar que é dono de seu dizer e também que aquilo que diz equivale a uma tradução literal do seu pensamento.

Ora, estar sob o domínio dos dois esquecimentos e tentar “domar” a dispersão, significa, ao mesmo tempo, que há um “eu”, que controla, e um “sujeito” que se perde. Ou, em outras palavras, significa admitir a existência de *lalangue*, que não cessa de se infiltrar na língua, movimento este que faz com que o trabalho de autoria se formule em um duplo eixo: por um lado, controlar, através de mecanismos lingüísticos adequados, a dispersão, que ameaça -na enunciação- a unidade do texto, o dizer pleno almejado; por outro lado, procurar mecanismos de ancoragem, que sedimentem e tragam uma “naturalidade” de sentido ao texto, uma linearidade, que faz parecer que ali não existiria deriva possível (ou seja, que aquela era a única maneira de dizer). Conforme vou mostrar brevemente mais adiante, o uso de genéricos é um desses mecanismos.

Por ora, devo dizer que o autor está, deste modo, constantemente renunciando a outras formas paradigmáticas possíveis, dentro de uma ordem sintagmática pretendida. O processo descrito gera momentos de uma dinâmica especial na enunciação, e isto é mostrado, na fala, pela ocorrência de hesitações, falsos começos, enfim, as assim chamadas parapraxias, que, atuando sobre a seqüência sintagmática, indiciam a força paradigmática. Temos aí evidências do embate entre a ilusão de livre escolha, que é a essência do trabalho de autoria, por um lado, e, por outro, a irrupção do real, “fazendo furo” no simbólico, e quebrando a transparência imaginária da língua. Nesses momentos, em que se dá conta de que as palavras não recobrem totalmente o mundo, o sujeito perde seu apoio como autor, e se refugia no grande Outro, a fim de buscar tamponar esse real.

O que se delineia acima é um embate entre consciente e inconsciente, ou, como afirma F. Tifouni “... um compromisso dialético

entre o sujeito do consciente e o do inconsciente, o que traria uma consideração interessante sobre a noção de que o indivíduo não é senhor em sua própria casa” (2003:29). Este mesmo autor lembra que, se Pêcheux considera o sujeito como assujeitado, no entanto, em **Estrutura ou Acontecimento?** (1977), o mesmo Pêcheux coloca esse sujeito como um estrategista. A meu ver, é este jogo de aprisionamento e liberdade que caracteriza o processo descrito acima, de irrupção do real no processo simbólico: processo esse que cria, para o autor, uma necessidade de driblar, enganar, a lalange e refugiar-se na aparente opacidade da língua. Esse estrategista, de que, em grande medida, é feito o autor, procura, então, formas de contornar a dispersão e a deriva que estão constantemente resvalando pelos interstícios e tentando instalar-se. Veremos mais adiante como esse processo pode ser descrito de maneira mais clara. Por ora, devo dizer que é porque ele existe (o processo) que ocorre o relançar das significações, e também é por isso que tudo não é pura repetição.

Estas colocações levam a um questionamento: De onde surge o novo, aquilo que constitui um gesto de autoria? Para F. Tfouni (op. cit.), o novo é o acontecimento, um nódulo do real que surge na realidade, e clama por sentido. No entanto, faço notar que esse sentido não é qualquer um, pois, sendo produzido pela ideologia, ele tem a função de reequilibrar a ordem imaginária da sociedade, restabelecendo o mundo à sua estabilidade lógica. Isto quer dizer que os mecanismos de reparos de que o autor se serve para “consertar” os desarranjos gerados pela irrupção desses nódulos do real não são neutros; estão, antes, a serviço de formações ideológicas que podem ser dominantes ou dominadas. Ou, dizendo de outro modo, o processo de identificação ao grande Outro indicia um desejo recalçado de pertencer a uma ou outra das duas classes sociais em conflito. Ao fazer-se - na enunciação - a autoria, portanto, trai sua filiação.

Esses são momentos de não-saber do sujeito, quando lhe falta a palavra e o inconsciente emerge. Segundo Phillips, “... é quando somos derrubados por nossos pensamentos; é quando, por mais

transitoriamente que seja, perdemos o pé, que começamos a ter novidades” (2003:5), isto porque quando falta a palavra na cadeia metonímica, o sujeito fica à deriva, sem o próximo significante. Lembro que a deriva é a irrupção do real, no sentido de que o real está na falta, e, pelo processo de deriva, outras possibilidades de significação irrompem, quebrando a unidade e instalando o não-Um.

Nesses momentos, quando um significante não se prende bem ao outro (não há coesão, ali onde o imaginário falha) o sujeito perde o ponto de ancoragem, visto que o sujeito é aquele que emerge entre significantes. Assim, não saber como continuar a dizer equivale a um lapso, e é aí que o sujeito pode emergir. Deste modo, pode-se supor que a ausência da autoria, ou seja, a impossibilidade de existir textualização, deve-se a um processo que é, primeiramente de deriva, e, depois, de dispersão.

É nesses momentos, quando é impossível prosseguir, e quando o sujeito se encontra diante de algo que falta (uma palavra...), é aí que o sujeito encontra refúgio no grande Outro.

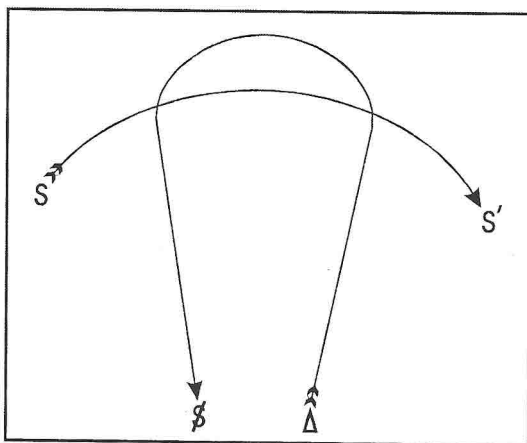
Esse não-simbolizado, como já afirmei, pode ser representado como um nódulo do real que se interpõe no processo simbólico e fura a tessitura do texto. Diante deste não-sentido, faltando-lhe o solo debaixo dos pés, o sujeito tenta fazer o mundo voltar à sua estabilidade lógica, como estrategista que é. E ele faz isso dando um sentido a esse nódulo. Pêcheux (1997) denomina esse processo de “acontecimento”: algo novo, ainda não simbolizado, da ordem de uma necessidade alética, clamando por sentido.

Atribuir um sentido é trabalho do imaginário, da ideologia: fazer laço, estabelecer relações, ordenar, classificar, comparar, transformar este novo que perturba em algo sempre-já-lá: domesticar a instabilidade da “lalangue” através da “langue”, fixando, assim, por metáforas e metonímias, uma nova unidade transitória, que logo também se dissolverá sob o assédio incessante do real, do retorno do recalcado, daquilo que é impossível de se dizer enquanto tal.

Como fica o trabalho do autor nesses momentos? Sabemos que toda escolha implica exclusões. “A memória é memória do desejo”, afirma Freud, e, portanto, a estratégia que o sujeito usa para restituir à cadeia metonímica a sua seqüência perdida não está ligada a um processo consciente nem aleatório. Assim, para voltar à posição-autor, o sujeito se refugia no interdiscurso pelo lado do avesso: ele se refugia no fantasma.

Essa retomada de posição dá-se através de um movimento de retorno à seqüência discursiva, com o propósito de (re)interpretá-la, através de um mecanismo de retroação que estabelece ponto-de-estofa, conforme descrito por Lacan no grafo do desejo. (Lacan, 1998 [1966]). Eis o grafo, na sua forma mais simples:

$\begin{array}{cc} \rightarrow & \rightarrow \\ s & s', \Delta \end{array}$



Através deste movimento, o sujeito realiza a tarefa de analista, retornando aos enunciados já proferidos e pontuando a cadeia significante em lugares específicos, onde é possível fazer uma releitura, uma amarração com a memória, e, deste modo, estabele-



cer ponto-de-estofa. O ponto-de-estofa, também denominado “significante mestre”, permite que a série sintagmática se detenha momentaneamente, e possa ter continuidade, através de uma leitura retroativa, que já é uma interpretação, e, portanto, uma retomada do dito em um momento posterior, mas ainda dentro do processo de enunciação. Esse movimento permite que o sujeito lance um anzol sobre a cadeia metonímica e a faça deter-se, permitindo que a significação seja relançada, através de um processo de amarração que vai restabelecer a unidade aparente e transitória do texto. O corpo novamente uno, não mais despedaçado....

Lacan nos faz visualizar esse processo. Após definir o ponto-de-estofa como a operação pela qual “... o significante detém o deslizamento, de outra forma indeterminado e infinito, da significação” (op. cit.: 808), ele apresenta o grafo acima, onde o ponto-de-estofa está representado pelo vetor $\Delta \rightarrow \$$, que “colcheta” em dois pontos a cadeia significante. É quase evidente aqui a semelhança com os conceitos de “deriva” e de “acontecimento”, criados por Pêcheux (op. cit.), e tão caros à Análise do Discurso. Deter-se, para conter a deriva que sempre está prestes a se instalar, pela insistência do real (isto é explicado lingüisticamente pelo conceito saussuriano de *valor* do signo), possibilita ao sujeito gestos de autoria, movimentos de retorno ao já-dito, que vão realocar a cadeia significante em lugares do interdiscurso e da memória social (arquivo), atualizando-a e reconfigurando-a.

Esse processo é realizado lingüisticamente de várias formas, principalmente através do uso de “shifters” (processos dêiticos e anafóricos) e pelo mecanismo da nomeação. Para ilustrar como isso se dá, sem pretender aprofundar a discussão, nem realizar uma análise ampla, vou apresentar aqui uma outra forma de fazer essa amarração, a saber, através do uso de genéricos, em uma narrativa oral de ficção produzida por uma mulher não-alfabetizada, intitulada “As três estrelas de ouro na testa”. Apresentarei inicialmente alguns recortes, mostrando como esses genéricos ocorrem na narrativa, e

depois analisarei um deles em maior detalhe¹.[†] Vou apoiar-me, nesta etapa da análise, na dissertação de mestrado de Pantoni (2002).

No decorrer da narrativa, que é muito longa a entremeada de detalhes intrincados, pode-se perceber que, em alguns lugares discursivos, o autor insere genéricos, como por exemplo:

1) homem não chora - "...home num chora"

..."Aí o pai falô assim: (voz suave/tom acolhedor) – Vem cá meu filho, eu quero conversá c'ô cê. Vem, Ramilo, vem cá, eu vô conversá c'ô cê...Num pode ficá assim..cê num pode ficá desse jeito cá mamãe não...chorando o dia inteiro...Que que é isso? Já passô. Home num chora...."

2) mulher é mais ambiciosa que homem "muié é mais ambicioneira")

"... – Olha, num vô busca nada. Já tá bonito do jeito que tá o nosso jardim – respondero os dois menino- Não vô busca nada! Fica desse jeito mesmo.

Mas como não era home nenhum, ela era muié – muié é mais ambicioneira. todo dia ela chorava. Até quando foi um dia..."

3) mulher de dieta (resguardo) não pode passar nervoso - "...muié de dieta num pode passá nervoso!"

." Pelo amor de Deus, Nocência- (Uma chamava Nocência e a outra Vicença!) – Pelo amor de Deus, Nocência! Pelo amor de Deus, Vicenta! Não pôe esses menino ...esse sapo perto de mim!(continua a narrativa) ...Eu tô de dieta! Eu via sempre

¹ Esta narrativa conta a história de três filhas que foram abandonadas pelos pais em uma floresta. Um príncipe as encontrou, casou-se com uma delas e fez de criadas as outras duas. Quando a irmã teve seus filhos, as duas empregadas, enciumadas, roubaram as crianças, que acabaram sendo adotadas por um leñador, que já tinha seus filhos. As crianças adotadas eram loiras, de pele clara, e tinham uma estrela de ouro na testa, que era ocultada por uma touca. Os filhos verdadeiros eram "morenos" (como são referidos pelo sujeito que conta a história), ou negros, como os pais.

a mamãe falá, eu sô mais nova..- Muiê de dieta num pode passá nervoso”

4) mulher é mais ativa que homem - “mulher é mais...é mais ativa do que o menino home)

“ - Agora eu vou. Eu vou atrás do meus irmãos! Eu vou atrás do meus irmão!”.

Mas só que a menina mulher é mais...é mais ativa do que o menino home. O menino home já chegou lá, já tava aberto, já foi entrando...Mais a menina mulher é mais ativa. Aí ela fechô a porta e veio...”

5) toda guerra tem que ter príncipe - “todas as guerra tem que tê um príncipe”

“....Quando foi....faltava oito dia pa princesa ganhá nenê, o príncipo foi chamado. Teve uma guerra muito forte e o príncimo foi chamado pra ir lá, na guerra. - Porque todas as guerra tem que tê um príncipe...Ocêis num viram ai na ..nas Marvinina? Quando foi pra acabá a guerra veio o príncimo Charlo lá da Inglaterra..lá prá acabá a guerra? - dirige-se às ouvintes - Então. Todas guerra tem que ir um príncimo lá, no fim, pra dá um sinar de paiz.....]”

Analisando esses recortes, pode-se dizer que essas fórmulas, ao se remeterem à inclusão de um particular em um genérico, produzem uma naturalização de sentidos, pois a própria enunciação do genérico oculta, silencia (pela sua não enunciação) a possibilidade do contrário. A identificação do sujeito com essas fórmulas, através da interpelação pela ideologia, o faz acreditar que o que é dito é uma verdade inquestionável, ou melhor, que o único sentido possível é aquele que o genérico coloca em funcionamento. O genérico, então, engana o sujeito exatamente ali onde ele pensa estar escolhendo a melhor formulação.

Em seguida, vou deter-me em analisar o primeiro recorte.

Ao enunciar **“home não chora”**, temos a formulação: “todos os homens não choram”, silenciando “alguns homens choram”. A

qualidade de “não chorar” para se constituir como sendo do homem aparece como algo natural, não-social e historicamente construído, justamente por um mecanismo ideológico que silencia uma qualidade contrária nessa constituição. Assim, é justamente na dominação de um sentido em detrimento de outros que se estabelece a eficácia dos genéricos e da ideologia na manutenção de formações ideológicas dominantes.

Essas fórmulas, que povoam o imaginário social e se propagam maciçamente pela mídia, não são absorvidas diretamente pelo sujeito, pois este é confrontado com suas experiências, o que o obriga a fazer re-inscrições no seu dizer. Essas re-inscrições estão submetidas a posições discursivas que podem ou não ser assumidas pelo sujeito, por serem da ordem do interdito.

Os genéricos encontram-se, então, no espaço do repetível, já que eles não se originam no sujeito e sim no interdiscurso. Ao sair desse local e ir para o intradiscurso, constituindo um tipo de funcionamento discursivo, os genéricos cumprem uma tarefa de possibilitar ao sujeito um olhar para o mundo de forma a considerá-lo “*semanticamente normal*” (Pêcheux, 1997), pois, ao apagarem a historicidade, dão

“... a ilusão da objetividade e da verdade completas: não importa quando, quem, nem onde, ou para quem esse genérico se dirija; seu efeito de sentido é sempre exatamente o mesmo (garantir que um fenômeno permaneça idêntico, quando se mudam as variáveis)” (Tfouni, 1992).

Como coloca Pêcheux, nesses espaços “logicamente estabilizados” onde a proibição à interpretação implica um “uso regulado de proposições lógicas, tais como (verdadeiro ou falso) com interrogações disjuntivas (“o estado de coisas é A ou não-A?) ...supõe-se que todo sujeito falante sabe do que se fala” (1997: 31).

É essa homogeneidade lógica que faz com que, ao enunciar “home não chora”, o sujeito acredite que não chorar é constitutivo

de todo e qualquer homem, e essa estabilização de significados, conforme coloca o autor, não é imposta pelo exterior como coerção, mas sim, por uma necessidade do próprio sujeito. Porém, mesmo apresentando essa necessidade no campo imaginário, é importante destacar que a estabilização é ilusória pois, como este autor coloca:

“...todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente)” (Pêcheux, 1997:53).

Assim, ao utilizar marcadamente genéricos, o autor da narrativa analisada coloca-se em uma posição de sujeito interpretante, em que tudo aquilo que se contrapõe a essa “homogeneidade lógica” precisa retornar em outros lugares, deslocados dos genéricos.

Parece então, haver uma polarização entre o uso de genéricos, que estaria a favor da manutenção das formações ideológicas dominantes e de outros lugares dentro da própria narrativa, nos quais é possível enxergar pontos de deriva e, ao mesmo tempo, de resistência a essas formações. Logo, do ponto de vista discursivo, a utilização de genéricos em lugares bem marcados da narrativa cria o efeito de sentido de um enunciador universal, que fala de um mundo semanticamente estabilizado, onde não existe discordância. Esses momentos de autoria (porque controlam uma possível deriva que poderia se instalar naquele lugar, de acordo com as formações imaginárias do sujeito que narra) se caracterizam por estabelecer uma síntese, uma verdade incontestável que serve de fechamento, ou ponto-de-estofa para os enunciados produzidos até aquele momento.

Chemamma, falando sobre os provérbios (que são um tipo de genérico) na experiência psicanalítica, afirma que “... só se pode dar conta da experiência do real na forma proverbial”. (2002:25), pois, ao usar estas fórmulas encapsuladas, o sujeito anula-se enquanto

locutor e refugia-se, através da língua, no grande Outro irreduzível. É, portanto, o domínio do Outro sobre o sujeito que os genéricos indiciam.

Pelo fato de tentar instituir uma verdade universal, as fórmulas genéricas funcionam como indeterminadores, o que, ainda segundo Chemamma, permite que o sujeito possa "... romper a barreira da relação imaginária do eu, que impedia que o inconsciente se manifestasse [e]. para que isto ocorra [prosegue o autor], é preciso ir além do eu, e também do você: é preciso romper a relação dual." (op. cit.:39).

Ou seja, é preciso romper o fluxo comunicativo do discurso, a linearidade S- S', e fazer a retroação, o movimento de interpretação que irá estabelecer ponto-de-estofo ($\Delta \rightarrow S_1$). É nesse momento que o sujeito se depara com seu próprio desejo que lhe é apresentado pelo discurso do grande Outro na forma de uma questão: "Che vuoi?".

Chemamma (op.cit.) comenta sobre Lacan, afirmando que o sentido do provérbio não está no literal, na relação entre as palavras como unidades, mas sim na situação de enunciação em que ele é usado. Para Lacan, não podemos tentar entender esses genéricos palavra por palavra; antes, devemos ver a frase inteira como se fosse um único significante, enigmático, ou seja: o grande Outro, onde "... todo imaginário é neutralizado" (Chemamma, op. cit.:44)

Tfouni (2003) chama a atenção para a abertura à interpretação que as fórmulas genéricas narrativizantes proporcionam, e afirma que isto ocorre porque, nos genéricos, não é ao pequeno outro que o sujeito se dirige. Por ser um já-dito, e remeter, portanto, à memória constitutiva, o genérico é aberto à polissemia, visto que, apagando a "individualidade", ele possibilita que cada um, através dele, formule suas próprias questões. Segundo Chemamma (op.cit.), isto ocorre porque é por meio do desejo do outro que o sujeito pode chegar à questão do seu próprio desejo.

Questionar-se (ou ser questionado) sobre seu próprio desejo constitui um momento de uso da *palavra plena*, no sentido que lhe dá Lacan, de "... uma palavra plena de sentido", em oposição à "...



palavra vazia, que é uma palavra que só tem a significação.” (1998:8). E realizar este trabalho na constituição da cadeia discursiva implica ocupar a posição-autor.

Concluindo, creio que este trabalho mostrou que ocupar o lugar de autor do discurso implica que o sujeito, refugiado no grande Outro, ou no interdiscurso, pode realizar uma inversão radical, e retroagir, realizando gestos de interpretação de seu discurso, pelo estabelecimento de ponto-de-estofa. Deste modo, o autor pode ser tomado como intérprete, à maneira do analista, pois pontua a cadeia significante em lugares específicos, dando um novo rumo à enunciação. Nesse quadro, considero que o uso de genéricos tem valor de real, e quebra a ilusão imaginária de unidade do eu, sendo este o “gatilho” que detona todo o processo. Não se pode esquecer, porém, que as escolhas que o sujeito faz, quando insere esses genéricos na narrativa, não são aleatórias, nem neutras, nem conscientes. A voz “universal” que se faz ouvir aí, longe de ser de fato o consenso que anularia as diferenças de classes, é índice de que a ideologia da classe dominante se faz voz no dominado, num processo de identificação que tampona o real, conferindo naturalidade à voz do excluído. (Nesse sentido, não é detalhe sem importância anotar que o sujeito que produziu esta narrativa é uma mulher não-alfabetizada, pobre, negra e de terceira idade).

É assim, nesses lugares onde língua e história se encontram, que a autoria se instala, só sendo possível pelo processo de retroação, o que coloca o autor como intérprete de seus enunciados, processo esse que não está garantido pela alfabetização, nem pela escolaridade, mas antes pelo letramento, tal como venho discutindo em outros trabalhos. Letramento visto como um processo discursivo que se situa além da dicotomia oral/escrito.

E, concluindo, creio poder afirmar que, dentro deste quadro teórico, o fato que menos importa talvez seja se foi língua oral ou língua escrita o veículo utilizado para produzir este “corpus”.

ABSTRACT: *The usual splitting between oral and written uses of language is not useful to explain the fact that persons who are not able to read and write can structure orally very elaborated texts, while many who can read and write, and sometimes have a high degree of scholarship, are unable to write a sequence with continuity and completeness. In order to account for these facts, it is necessary to take into consideration levels, or degrees, of literacy, together with the concept of authorship. Authorship is seen as one of the subject's discourse position, wherein he is able to deal with the dispersion and to accept the drift of senses. In order to accomplish these maneuvers, the author plays the role of interpreter. This notion will be discussed here from the perspectives of French Discourse Analysis and Lacanian Psychoanalysis.*

KEY WORDS: *literacy; author; interpreter; oral/written language; generics; dispersion; drift.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER, J. (mimeo n/p) *Paroles tennes à distance*.
- CHEMAMMA, R. (2002) *Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano*. Porto Alegre/RS: CMC Editora.
- GUIMARÃES, E. (1999) *Textualidade e enunciação. Escritos 2*. Campinas/SP: Labeurb, Unicamp.
- LACAN, J. Rumo a um significante novo. *Opção Lacaniana*, no. 22, pp. 6-15, agosto de 1998.
- _____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 1998 [1966], pp. 807-842.
- PANTONI, R.V. (2002) *Letramento e ideologia: relação entre práticas letradas e o processo de construção da subjetividade*. Dissertação (Mestrado em Ciências, Área: Psicologia) n/p. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, 177 p.
- PÊCHEUX, M. (1997) *O discurso: Estrutura ou acontecimento?* Campinas/SP: Pontes Editora.

PHILLIPS, A. Vivendo perigosamente. In MAIS! *Folha de S. Paulo*, 13/04/2003, pp. 5-9.

SAFOUAN, M. (1993) *A palavra ou a morte*. Campinas/SP: Papyrus.

TFOUNI, L.V. (1992) *Letramento e Analfabetismo*. Tese de Livre-Docência n/p. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto -USP.

_____. (1997) A ilusão de completude do sujeito da escrita (autor). *Cuaderno Interno para las Jornadas de la Frontera*. Foz do Iguaçu/PR, pp.148-149.

_____. (2001) A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: Signorini, I. (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas/SP: Mercado de Letras, pp.77-96.

_____. (2003) Autoria e letramento: Análise das narrativas orais de ficção de uma mulher analfabeta. In: _____. *Letramento e Alfabetização*. São Paulo/SP: Cortez Editora, 5ª. Edição, pp.47-63.

TFOUNI, F.E.V. (2003) A fantasia capitalista do sujeito centrado e o desmentido fetichista. Ms. n/p, 31 p.